

ENS A I O

MUDANÇA, PERMANÊNCIA E RAZÃO

LUIZ SÉRGIO DUARTE
Universidade Federal de Goiás
Goiânia | Goiás | Brasil
sergio.duarte.ufg@gmail.com
orcid.org/0000-0003-1541-3206

1 - O Iluminismo afirmou a diferença e o desenvolvimento: esse é o resultado de uma nova concepção de experiência e de uma opção pela mudança. Só há diferença entendendo-se o que é mudança. “Ousar saber” mais que “pisotear a mente de rebanho” é o que junta essas duas dimensões de um pensamento que levou a sério a relação entre humanidade e tempo. O Iluminismo é parte da filosofia moderna. Meu objetivo é reconectar uma concepção de história (tudo muda na humanidade) e um tipo de razão (há causa: uma verdade justifica outra) marcada pela metáfora de uma luz comunicável, social, tão importante quanto a luz privada, mística, que orienta a existência. A luz da conexão entre história e razão foi alimentada, entre outras razões, pela tradição dos estudos das Artes Liberais. A busca da verdade, o uso da razão e o exercício da liberdade intelectual em torno do estudo multidisciplinar possibilitaram uma revolução cultural que instalou a modernidade. Verdade como coincidência (mais que revelação), razão como cálculo (mais que divisão), liberdade como ausência de amarras (mais que movimento), objetividade como realidade (mais que ideia), natureza como concretude legalizada (não como abstração velada) e invenção como interpretação (não como fantasia) possibilitaram a mudança cultural moderna através de crítica de opiniões e crenças. Na Idade Moderna a busca de fundamentação moral, lógica, epistêmica e estética foi a resposta aos desafios advindos dos conflitos religiosos. História e Filosofia foram instrumentos de uma luta entre visões de mundo. Teorias da mente, do conhecimento, da sensibilidade e dos costumes apresentadas em sistema e processo compõem uma

época de redefinição simbólica: uma era da metafísica. Discute-se natureza, sociedade, religião e poder. Ideias de limite e continuidade possibilitaram a solução de problemas de quantidade e grandeza. A discussão em torno das ideias de substância, modo e razão produziu a multiplicação de sistemas metafísicos. A filosofia moderna abriu um mundo novo e uma série de questões que ele propõe. Multiculturalismo, relativismo moral e verdade indeterminada podem desafiar o discernimento cognitivo e a força normativa que a razão iluminista apresentou? É válida a mudança de estratégia que substitui a crítica da razão pura pela crítica da razão linguística? Como investir no poder crítico autorreferencial da razão? Explorar os paradoxos da lógica identitária reconstruindo os experimentos estéticos da arte moderna pode recompensar? O que é racionalização? Instrumentos e instituições do Iluminismo estão superados por um novo padrão de relacionamento? As metanarrativas acabaram? A hipótese aqui é a de que o discurso da modernidade (a valorização da razão como meio de abordagem dos problemas da natureza e da humanidade) é o recurso válido de resistência diante das tentativas da afirmação fundamentalista dos valores, dos problemas decorrentes da complexidade tecnológica e dos desafios do antropoceno. O entorpecimento dos laços sociais, a dominação embutida no tratamento senhorial da natureza, a denúncia da ideologia do progresso ou a ciência do emaranhado tecnológico são desdobramentos da tradição de questionamento dos sistemas de significação e comunicação defendidas pelo Iluminismo. Só a interpretação dos textos do século XVII e XVIII pode restabelecer esse liame. O interesse é o de produzir teoria da história, formar o entendimento, cultivar a razão e relembrar o sentido do projeto iluminista.

2 - Já no século XVII, o pensamento encontrou a sensação de novidade e passou a ser dirigido pela experiência de distanciamento. Descartes fala da descoberta de um “rico tesouro”, Bacon de um “novo procedimento”, Vico de uma “ciência nova”, Hobbes era consciente de que tinha inventado a Ciência Política e Galileu falou da “absoluta novidade” das suas descobertas. Leibniz construiu um “novo sistema da natureza”. Exploração e observação eram palpáveis na Idade Moderna. Novo mundo, telescópio, ascetismo objetivaram o mundo e possibilitaram o aumento de controle sobre ele. Distanciamento do mundo é uma marca desse tempo. A era moderna é um sacrifício da mundanidade (Arendt) e sobre tal processo há extensa historiografia. Max Weber distingue razão formal, substantiva, valorativa e instrumental (com o predomínio moderno da última). Ernst Cassirer apresenta o Iluminismo como momento do espírito objetivo (uma defesa da necessidade do cálculo). Peter Gay reconstrói a relação entre paganismo e ciência (um destaque para a crítica da cultura que a razão permite). Ira Wade conecta contexto e mentalidade do Iluminismo (razão e crise do antigo regime). Hans Reill distingue vitalismo e mecanicismo como direções da teoria moderna do conhecimento. Robert Darnton narra o submundo das letras como história cultural de intelectuais. Jonathan Israel chama atenção para o radicalismo moderno do movimento conectando com uma crítica do cristianismo. Serres localizou o saber das redes do pensamento na metafísica racionalista. Foucault fez a genealogia da episteme clássica entendendo-a como analítica e indutiva. Há uma multifacetada e contraditória tradição iluminista. Ela dependeu de interpretações da história. O Iluminismo apresentou o seu projeto de radical revolução moral, social, estética e política da sociedade e do pensamento construindo leituras do passado, diante dos desafios de seu presente e antecipando projeções de futuro. O argumento era o de que não há como

resolver problemas oriundos das diferenças de crença. Só se pode liberar o uso da razão (esclarecida ou enganada) para a justificação particular das convicções. Externa e internamente condicionadas as convicções sempre simplificam. Os iluministas acreditavam defender a paz pública se apresentassem razões dessa simplificação. A ênfase na razão foi o recurso para encarar o problema persistente da época moderna: a distinção entre conhecimento e fé. Investia-se na luz do entendimento, na atividade do juízo e na ideia da coisa filtrada pelos sentidos. A Idade Moderna forjou o conceito de interpretação da natureza e do pensamento. Conhecer as leis da natureza não significava apenas submissão ou dominação. Era necessário localizar as fronteiras entre artificial e o natural, visualizar a natureza abstrata através de particulares naturezas, decidir quem tinha autoridade para fazer tudo isso. O mais urgente era reconhecer que as intenções, a vontade, as convicções são enganosas. O recurso foi apresentar a razão como faculdade codificada lógica e historicamente. Todo filósofo da Idade Moderna produziu uma leitura do passado e um tratado de metafísica. A definição do apropriado é processual; não há comparação sem semelhança. A razão depende de categorias. A semelhança guia a procura da diferença. O entendimento de que a razão legisla mais que raciocina dependeu de descrição processual. A ligação de um fato a outro depende do homogêneo. Cada sistema metafísico dependeu de uma filosofia da história. O saber da mudança das sensibilidades liberou a razão. O Iluminismo é tanto um discurso filosófico quanto um movimento de mudança das instituições. Não pode haver inteligência nem instituição sem mudança. A ciência da História é resultado do entendimento dos eventos humanos como diferença na semelhança. A produção da diferença é contínua. Depende de valor e prática. Tem causa e pode ser conceituada. Sobretudo possui realidade. A historicidade ampliou o contato com qualquer tipo de texto. Suportes de inteligência documentam continuidade e assimetria. Disso dependem os códigos. O tratamento dos suportes possibilitou a discussão pública. Problemas de interpretação, princípio e método exigiram esforço de reconstituição das razões de produção dos textos. Humanidade, história e razão são respostas a quem, quando e como. A procura do homogêneo (compreensão) teve que enfrentar o problema da expansão dos limites do semelhante e da determinação do diferente. O Iluminismo é um desses momentos. À escrita se juntou a crítica. À tradução se juntou a indução. À dedução se somou produção. É um momento de experimentação do pensamento com a multiplicação de sistemas metafísicos. Nos séculos XVII e XVIII (mas no mínimo desde Bacon) as coisas foram tratadas lógica, experimental, prática ou textualmente com a liberdade de exposição de novos sistemas de interpretação. A rede remissiva foi renovada e ampliada nas discussões que tematizavam substância, alma, Deus, sensibilidade e razão. Construir conceitos por indução, relacioná-los dedutivamente e controlá-los experimentalmente eram exercícios do conhecimento não sistematicamente estimulados na Idade Média. Na Idade Moderna a urgência das disputas religiosas produziu uma revolução nos conceitos e procedimentos análoga àqueles movimentos posteriores que permitiram priorizar constelações fenomênicas, genealogias discursivas, escalas temporais, analogias estéticas ou processos estruturais. A pressão vinha de uma crise de representação. A Idade Moderna se valeu de avanços categoriais e procedurais que a Escolástica produziu. Sujeito situado, objeto controlado lógica e empiricamente e conhecimento construtiva e experimentalmente constituído nascem de práticas milenares. O estudo de disciplinas como gramática, lógica, retórica, geometria, aritmética, música e astronomia constituiu o ambiente

intelectual que possibilitou a revolução científica. As artes liberais ensinaram exclusão, implicação e abstração: permitiram o saber de determinações, contatos e deslizamentos. O estudo constante dos critérios de funcionamento da ideia autorizou a concepção das distinções real, modal e racional. Escoto (hecceidade) e Suárez (causa final) alimentaram Descartes (coordenadas), Leibniz (aproximação) e Newton (cálculo). Particularidade, finalidade, coordenação e continuidade são categorias para a construção de novos mundos. O contexto das mudanças religiosas, políticas e econômicas só pode ser entendido se não esquecermos a especificidade do tratamento dos problemas simbólicos e a urgência de seu tratamento em momentos de crise. Essas crises são recorrentes e o seu tratamento produz sangue, lágrimas, funções e limites. Variação e movimento são tão importantes quanto volume e concretude: o problema é a relação. O conteúdo de algo concreto só pode ser tratado abstratamente. A abstração necessita da tensão símbolo, mente e mundo. Perguntas sobre o que causa (fundamento, princípio), o que unifica (substância, ser), o que há (propriedades, significados, números), o que comunica (códigos, processos) perpassam todo o conhecimento e toda existência desde a religião e a magia. Céticos naturalistas, crentes dogmáticos, daltônicos estruturais, cultural-evolucionistas, atomistas pouco ajudam além da defesa hipotética (às vezes, catastróficas) de suas posições. Seres vivos, átomos, problemas, razões e perguntas: é só o que temos. Com o Iluminismo, a abordagem prática de problemas localizados nasceu do abandono de soluções definitivas. Com isso abrimos os olhos para processos infinitos, aproximações sucessivas, interações duráveis e relações perigosas. Não esqueçamos que é a essa linhagem de saberes que devemos a possibilidade de um concerto com a natureza, com os outros e conosco mesmos.

3 - A crise das certezas, o profetismo ideológico, a luta por reconhecimento e o vanguardismo buscam legitimação na recusa ou atualização do Iluminismo. As chamadas “viradas” (linguística, visual, existencial, literária, subalterna, identitária) prestam contas à tradição filosófica e ao discurso do moderno. A crise hoje apresenta-se como nova onda de obscurantismo, fundamentalismo, nacionalismo, autoritarismo e guerra. Na Idade moderna as dificuldades advinham da multiplicidade das propostas de renovação dos padrões de experiência e percepção ligados às representações religiosas. O espírito moderno nasceu de recursos de desnaturalização, pesquisa e educação. Esforços de análise de elementos, de operação inteligente e julgamento apropriado acompanhavam as questões de fundo sobre diferenças confessionais, incredulidade ou concepções do suprassensível. Substância, acidente, sensação, reflexão, natureza e razão eram temas em toda a Europa. Isso produziu progressos no cálculo, na observação, no experimento e na investigação. A filosofia do novo fixou novas regras: para a vida em sociedade (liberdade prática), para a convivência das nações (paz universal), para a convivência política (estado de direito) e para a aquisição do conhecimento (entendimento, experiência, crítica). Sobretudo chamou atenção para referências decisórias que estavam em desuso. A novidade era o recurso a uma jurisprudência marginalizada que valorizava procedimento lógico e controle empírico. A orientação fundamentava-se não só na justiça do raciocínio. O objetivo era conciliar os fins da natureza e os objetivos humanos. Uma revisão das teorias do ser, do conhecimento e dos costumes era necessária para coordenar todo o esforço de recriação do direito de pensamento. Um exemplo é o programa de Francis Bacon para a interpretação da natureza.

Ele localizou os extremos do interesse de subordinação da natureza pelo conhecimento das regularidades e da indução procedural. Entre eles atua a razão, concebida como principal produto da natureza e guia de reflexão humana. Continuidade do projeto de conhecimento ocidental acompanhada de restabelecimento de sua história. Os modernos compararam métodos e resgataram engenhos e capacidades. Princípios e conceitos explicitados devem permitir antecipação pelo “trato direto das coisas”. No caso do passado, primeiro descrever para perceber que civilização e habilidade intelectual desenvolvem-se pela crítica. Hume quis um novo conceito de experiência (experimentação mais que ideia derivada da impressão). O que é separável é discernível. O que é discernível é diferente. A subjetividade – usada pelo sujeito normativo com poder de crer e inventar – ganha direito de construir sistema. A síntese relacional realizada pelo sujeito lança mão de percepções vivas e instaura a reivindicação de autonomia política e econômica. A favor da razão está o argumento de que as posições de autoridade por si são muito mais fracas e indignas. Não há autoridade final sobre o conhecimento. Avanço incontestado foi a distinção entre objetos do entendimento e objetos de razão. Hobbes defendeu o cálculo e a produção de teoremas como meios de descoberta das causas e regras. Kant descobriu uma parte empírica e uma parte racional da metafísica. A parte racional especula, calcula e determina. Por exemplo, na ética a parte empírica é antropologia prática e a parte racional é moral (metafísica dos costumes ou investigação sobre a lei moral). A questão é saber, como no pensamento e na sociedade, a separação total é possível. A resposta é: só formalmente. Mas sempre se ganha com análise. As sínteses são mais complicadas. Rousseau descobriu que o contrato é inarredável, a única opção é buscar um tipo de ordem no qual na associação (ou na lei moral) só se obedeça a si mesmo. Trata-se de encontrar uma obrigação social pela qual o próprio indivíduo considera-se válida e necessariamente envolvido institucionalmente. Leibniz explorou a comunicação entre perspectiva e pluralidade. Sistemas de sistemas na unidade da diferença criam estrutural transformação, ou melhor, um sistema de interações complexas. Newton estudou o movimento e inventou o cálculo. O Iluminismo, na linha do Renascimento, afirmou um novo conceito de conhecimento: evidência, justificação, experiência e relação são os parâmetros da razão. O pressuposto da legalidade do universo é o correlato para uma subjetividade intensificada e corporalizada. Este é o sonho: razão filosófica é uma faculdade de determinação de limites, mas estes só podem ser conhecidos por uma disposição ilimitada e experimental: ao mesmo tempo dependente de abstração, juízo e engajamento. A natureza não dá saltos, o conhecimento sim. Juntar atividade intelectual e cuidado da particularidade é a ambição. O contrailuminismo denunciou o ataque à religião, a invenção de artifícios e a perda da imaginação moral como derrota da natureza e da compaixão. O Iluminismo respondeu afirmando que a ciência não se faz contra a natureza, mas com a natureza. Esse argumento esquecido a crise ambiental impôs à lembrança. O elogio da loucura não é opção. Shaftesbury mostrou que a filosofia tem caráter terapêutico: a felicidade é razoável. A polidez, ou colisão amigável, é mais eficaz que a aula e o sermão.

4 - O pensamento precisa de regras, estas modificam-se para abrigar consensos e movimentos. O Iluminismo é o espírito (consenso mínimo) da modernidade: progresso, delimitação e prática auto examinadora dos parâmetros da razão aliados a um método avesso a dogmas. Meu argumento é o de que o Iluminismo possui um projeto de liberação baseado na leitura da tradição (leis, escrituras e filosofia). Tal projeto afirma a universalidade (a razão como critério de leitura da realidade), a particularidade (o diálogo baseado no poder formativo da alteridade) e a singularidade (a interpretação como tipo de conhecimento). O Iluminismo avançou no tratamento integrado dessas dimensões, mas teve de concentrar-se na afirmação da universalidade. O exemplo da história da Estética no Iluminismo resume o espaço de experiência e o horizonte de expectativas desse momento da história das ideias. Baumgarten queria uma ciência das sensações associando o belo às representações subjetivas; Diderot quis justificar o ajuizamento e liberar a crítica; Kant considera o belo como objeto de pensamento e se opõe à uma estética como ciência de objetos: para ele a crítica do juízo é a tarefa. Na Filosofia da história temos um movimento inverso, mas que confirma a tendência. A afirmação do sujeito como valor no Ocidente permitiu sua generalização na modernidade. Beleza e história precisam de razão: a primeira para melhorar a crítica dela mesma (a razão) e a segunda como prova da fidelidade à sua origem no gênero humano. A pressão vem tanto da revolta contra o privilégio quanto das mudanças nos padrões de experiência e percepção. Sobretudo, vem da própria pressão por racionalização. Cálculo em todos os aspectos da vida. Identidade ou experiência não resolvem problemas metafísicos. O que o Iluminismo inventou foi um tipo novo de conhecimento. O conhecimento só é válido se submetido à crítica. A razão (faculdade de conhecer reconstruindo mediações, produzindo conceitos e exercendo a crítica) está sempre situada em sua relação com a humanidade e sua história. O problema da história é sua relação com a moralidade como signo da humanidade. O que importa são as relações entre os humanos: a razão limitada pelos limites da crença (a operação secreta da mente ou percepção como impressão e ideia) e da instituição (os construtos sociais) passam ao centro da atenção interessada nos padrões da ação com sentido. A teoria moral é o conhecimento do mundo através dos valores e ações daqueles que o constroem. Só é prudente quem tenta conhecer o humano. É a busca de uma habilidade. A antropologia é necessária como saber pragmático. Gestão de gente é sabedoria e autoconhecimento. Rousseau aconselha no *Emílio* que a criança seja apresentada primeiro às pessoas. Só assim o mundo não será entendido apenas como o lugar do mal. A história, o lugar da diferença e da relação (a experiência), se apresenta como modificada pela afirmação da subjetividade relacional. Ela impõe o tratamento da liberdade e da verdade. Impõe também o esclarecimento de seus próprios princípios. Toda história é também um ensaio teórico. Investiga-se não só os acontecimentos, mas também a produção de modelos de representação. O Iluminismo acolheu a razão como seu modelo. Há limites ao projeto iluminista (razão como regra da experiência). Há déficit teórico, ou incapacidade de conceituar e avaliar a própria razão e seus limites. Há déficit ético, ou incapacidade de controlar a relação entre as dimensões instrumental, comunicativa e perceptiva da razão. Há déficit material, ou inexistência de corpo ou mente que articule, exercite e reflita sobre todos os elementos, dimensões, recursos, códigos, dados e fronteiras da razão. Há déficit moral, ou a defesa de tipos de vida afins de minorias estabelecidas e que apresentam como naturais a agressividade e a concorrência. Elas são signos do egoísmo condenável que preside a afirmação da felicidade e da liberdade. O

enredamento dos problemas históricos exige o enfrentamento metafísico dos seus temas recorrentes. Não há como perceber, prever e controlar todas as conexões necessárias e prováveis em todos os ambientes. Por enquanto, ajudaria reconhecer a atualidade do Iluminismo e defender a razão como referência. O Iluminismo guiou a substituição de regimes teocráticos por governos seculares e de autocracias por democracias. Ele está no cerne dos argumentos que defendem a necessidade da racionalidade política, de prevalência da socialidade sobre o indivíduo e da sociabilidade sobre a agressividade. Extremos irracionistas como os da ideologia do progresso ou do relativismo político são variantes otimista ou pessimista de uma antropologia redutora. Os problemas são paradoxais. A crítica deve sustenta-se. O debate dos programas, modelos, procedimentos e vocabulários continuam dependendo de princípios, limites e funções. O espírito iluminista vive de filosofia (física, ética e lógica) e da reflexão que ela possibilita. Diderot valorizou a mediação. O gosto é criação pública. Artista, obra e espectador podem recriar a experiência estética. A pintura é teia de mentiras que não engana: a cor diverte, acalma e liberta. Rousseau confessou a irrazão e se preocupou em produzir uma autocrítica do intelectualismo. Goethe foi orgânico para compreender o cosmos. Descartes foi mecânico para estruturar o entendimento. Burke viu no sublime um desafio à razão. O enorme moral e físico choca, transforma e educa. Newton e Voltaire foram deístas: a religião é dúvida, não dogma. Espinosa desafiou Aristóteles para completá-lo, a sociedade não é natural, é criação afetiva e percepto político. Hume interpretou a simpatia parcial mais que o contrato de egoístas como princípio de organização social. Montesquieu quis ver o poder através da razão. O caminho é separá-lo, controlá-lo. Ele é virtual e real, não é possível extingui-lo. Lessing falou do gênio e o do gosto pensando criticamente o belo. Kant dividiu o conhecimento para unir e liberar a razão. Iluminismo é variação sobre um mesmo tema: tanto o mal como engano estão por toda parte, sobretudo naquele que conhece. A razão (cálculo, causa e crítica) deve encará-los. Hobbes apresentou o *Leviathan* como procedimento racional e político diante do caos de *Behemoth*. Leibniz viu no evento a presença do absoluto. A diferença e a continuidade estão no mundo. É por isso que se pode sonhar o trato de pesadelos e a desconstrução de labirintos. Aperfeiçoar os instrumentos de crítica do que é outro, interno e distante. Razão nasce do exercício da dúvida. Identidade, não-contradição, terceiro excluído e causalidade devem ser completados pelo tratamento das sobras, fragmentos e falhas. Leibniz distingue identidade real de identidade pessoal: o sujeito possui uma apercepção superficial e fragmentária de si mesmo. Discursos de identidade substancial são apenas erros. Nos séculos XVII e XVIII, o conceito de identidade é o de formação. O sujeito da identidade transforma-se pela conferência dos resultados da operação que efetuou. O experimento e a história são operações. A Idade Moderna é um tempo de conferência metafísica. Um ser cuja natureza é transformação pode operar racionalmente. Possibilidade não é igual à realidade. O particular reina diante do universal e do singular. O que temos ainda não foi decidido; se tudo der certo, nunca será. Na Idade Moderna, dúvida, formalização, inferência afirmaram-se como meios de liberdade e desafio de autoridade. Em toda a Europa, Locke, Descartes e Leibniz produziram referências para o questionamento das ordens sociais. O estudo do particular, a história, foi para isso fundamental. O problema da racionalidade (o fundo da história) é tanto o do pressuposto do estudo dos fenômenos que portam valor quanto o do conteúdo deles. Quando estudada pela humanidade a própria

natureza passa a portar valor. Os desafios do antropoceno provam isso. Razão é crítica, cálculo, comparação, formalização, compreensão e ação prática.

5 - Em Kant há três posturas metodológicas críticas distintas. A primeira, na qual a fundamentação da crítica parte da relação com a natureza (por exemplo, o juízo moral é iniludível como fim da natureza no gênero humano). Uma segunda, na qual a crítica opera considerando o próprio juízo, pois o sujeito tem que acreditar que os julgamentos de conhecimento, moralidade e de avaliação são possíveis, sob pena de contradizer-se performativamente. A terceira variante dirige-se à história e reflete sobre as condições que permitem a tensão entre ela e a crítica, ou seja, permitem a validação do processo de formação e de um seu momento específico. As posturas completam-se e nasce daí uma consequência de caráter historicista: a consciência histórica é resultado evolutivo, situacional e potencialmente universalizável. A razão deve dirigir o conhecimento, ele pode ser partilhado e dessa partilha nascem novos processos de formação e diferenciação. É a razão que permite o conhecimento da natureza, da liberdade e do pensamento. É racional que regramento secular e soberania popular sejam os princípios da vida política. É racional que a moderação presida a vida moral. A beleza está no real e este é racional porque natural. No Iluminismo a metafísica da natureza substituiu a metafísica da revelação. Os extremos eram o catolicismo escolástico e o protestantismo pietista. As duas correntes possuíam tendências radicais (arminianos e calvinistas) e, encontravam-se em guerra. Entre esses limites um meio termo, contraditório e mediador (conduzido por uma política abstrata e literária) estava interessado em afirmar um mundo com um mínimo de direitos iguais e universais. Os “filósofos” (os letrados críticos) viam-se como praticantes do entendimento e da razão. Materialmente tratavam dos objetos e leis da natureza e da liberdade. Faziam teoria dos costumes e história da cultura. Esta filosofia era exercida em um momento de religiosidades em tensão. A pregação militante, o quietismo místico, as políticas das monarquias católicas enfrentavam uma leitura histórica e profana da cultura. O Iluminismo investiu em tolerância. Os iluministas recorriam à história para falar da diversidade de crenças e costumes. Em uma sociedade corporativa e religiosamente concebida foi revolucionário o caráter de um movimento intelectual com essa intenção. Os iluministas falavam do contraditório, valorizavam a especulação e escreviam com ironia. Produziam um discurso dirigido por crítica, informação enciclopédica e intenção de clareza. Eram inimigos da ordem do antigo regime. Encaminhavam a crítica da tradição, preparavam a revolução. O mais importante é que diagnosticaram um novo tipo de tempo. Experimentos sem controle, expectativas ilusórias, velocidades destrutivas, poderes interventores ilegítimos produziram ameaça estrutural ao planeta, perda de sentido, de liberdade e todo tipo de exclusão, exaustão e extermínio. Com Goethe e Humboldt o Iluminismo apresentou uma variante organicista e ecológica do conceito de natureza. Ela está presente no monismo materialista da metafísica de Espinosa e na estética de Diderot (gradação não hierárquica de diferentes estruturas configuradoras de unidades integradas do todo). Apresenta-se também no conceito de natureza e na filosofia do ambiente de Shaftesbury (diversidade e pluralidade como totalidade, unidade e beleza).

6 - Por outro lado, publicidade, educação e memória são elementos que aprimoram exame e avaliação e liberdade. Covardia, preguiça, censura, intimidação são os instrumentos da manutenção da servidão. A possibilidade de progresso é descontínua e limitada, mas existe. Como postura antifascista, como signo de conquista moral, como internalização pedagógica, como luta por reconhecimento ou mesmo como subproduto técnico do conflito há desenvolvimento. Desenvolvimento não é sinônimo de progresso, há desenvolvimento patológico. Não há “o” sistema, há a sempre renovada e cada vez mais ameaçada disposição de desenvolver conhecimento, regular assentimentos, mediar sagacidades e conectar inferências. O Iluminismo produziu uma ideia conflituosa do universo. Entre imaginação e pensamento, o Iluminismo percebeu um entrelugar de atitudes, pressupostos e mentalidades. Entre natureza e história há zonas de transição. Verdade, sujeito e mundo foram refundados através de conflitos doutrinários, guerras religiosas, disputas imperiais, discussões metafísicas e controvérsias teológicas. O que temos são contradições dentro da “grande cadeia do ser”. O Iluminismo enfrentou o princípio da plenitude, mas também o preservou: não há harmonia, série contínua, diferenças de grau, progresso natural. A autossuficiência da natureza é influenciada por acidentes. O determinismo cósmico depende de escala e tempo. A evolução afeta a diversidade. Não há apenas causa, há também potência e interação. Plenitude e continuidade foram corrigidas por gradação e sua lógica racional de desenvolvimento cósmico e histórico: é sistema como mudança (Lovejoy). O Iluminismo desafiou o dualismo: Lessing, Herder e Rousseau implantaram o relativismo cultural. Locke, Voltaire, Kant e Hume separaram conhecimento e fé. A razão é percepção do necessário e meio de aperfeiçoamento. Leibniz enxerga a continuidade e a ordem em tudo. Diderot e Bayle pensaram a moralidade secular e a liberdade de estilos de vida. Shaftesbury acreditava na educação do gosto estético e tornou-se referência para a ecologia que articula belo e conhecimento. Goethe só via relação. Humboldt só se interessava por totalidades. Todos defenderam a ciência (regras lógicas e controle empírico coordenados por interesses de conhecimento da natureza e da cultura), a liberdade individual (ausência de amarras dogmáticas e escolha responsável de sentido para a vida) e a redução, controle e crítica de qualquer autoridade. Na variante monista Malpertuis, La Mettrie, Helvetius atualizam o materialismo recorrendo ao atomismo de Demócrito para – com a ajuda do substancialismo panteísta de Espinosa – negar qualquer transcendência. Teses metafísicas, teorias do conhecimento e éticas em profusão. Experimentos que abriram o espaço para o que nos séculos XIX e XX foi produzido em ciência da vida, cosmologia e física quântica. Teorias de tudo (ou metafísicas), ainda indispensáveis para sustentar a discussão que trata a relação entre gênero humano e a vida na terra. Isso se historiarmos essa tradição e o que ela deixou pelo caminho.

7 - Para a Escola de Frankfurt, razão objetiva (racionalidade universal ou o sistema do qual se derivam os critérios de medida de todos os seres e coisas) e razão subjetiva (faculdade de classificação, inferência e dedução como funções ou meios da abstração) foram invertidas em hierarquia e depois afastadas e anuladas. Transformaram-se em elementos de um sistema global no qual a racionalidade foi reduzida a critérios não criticados e meios sobre os quais não há controle. Não há o sistema crítico, há a sempre renovada e cada vez mais ameaçada disposição de instrumentalização. Essa disposição pode abrir-se para fenômenos de linguagem que ampliam ou restringem o escopo do que evolui, do que se estipula como interessante e de como as descrições, crenças e relações são construídas, mas perde-se por não reconstruir seus princípios e fins. Pode também conhecer o análogo da razão, a ciência do modo do conhecimento e da exposição sensível, a estética. Entretanto não deve reduzir-se a uma reflexão sobre a expressão do belo e esquecer a singularidade da obra de arte produzida pelo artista. O Iluminismo foi o momento no qual o papel de sujeito foi atribuído a todos os seres racionais. Essa mudança radical dependeu de uma concepção de unidade (a ideia de razão objetiva) e uma diferença (a afirmação da razão subjetiva). Mais tarde, descobrimos que a contraposição ao mito perde a dialética do esclarecimento: o mito é já Iluminismo e o Iluminismo recai no mito. A unidade narrativa é linha de fuga na Odisseia: a identidade se constrói diante do labirinto mítico. Mas há um preço a pagar quando a petrificação da consciência acompanha a superação do sacrifício e a repetição mítica reinstala-se na alienação e no isolamento. Iluminismo é tanto o movimento e discurso filosófico moderno quanto o processo contraditório de racionalização ou desmagificação do Ocidente. Há tensão entre objetivação da natureza externa, repressão da natureza interna e construtividade humana. Leibniz vincula representação e aspiração no sujeito (a mônada é semente de desenvolvimento e variação). Goethe e Humboldt confiaram na semiótica da natureza (ecologia é relação). Rousseau discordou da semelhança entre ser e parecer e valorizou a afetividade como condição da liberdade (primeiro a semelhança). Kant investiu em prática (ideias não são objetos não podem ser intuídas). Newton pensou o movimento. Diderot voltou à matéria. Voltaire queria um deus racional. Todos levaram a sério a matemática e acharam frutífero o jogo das perspectivas e valores. Hume valorizou o lugar das impressões, das crenças e da imaginação no funcionamento da mente. Espinosa apresentou a ética da liberdade necessária que não precisa de vontade ou modelo. Shaftesbury entende filosofia como busca de felicidade. O estilo e as ênfases de cada iluminista fornecem pistas. É na escrita de cada um deles que os conceitos de história, sujeito, conhecimento e natureza emergem. Não só na direção das opções objetivista, instrumental, idealista dogmática ou crítica. Mais tarde suas descobertas foram reconstruídas através de táticas de enobrecimento genealógico. Hoje é possível reconhecer recursos de justificação de convicções metafísicas embaralhadas e em discussão. O entrelugar ontológico, epistemológico, ético e antropológico enriqueceu o campo de experimentação. Hoje, diante do esgotamento de recursos, da artificialidade e limites da argumentação a favor do progresso ilimitado tal tradição moderna deve ser defendida. Saídas existencialistas, análises presentistas, reconstituições desenvolvimentistas ou deduções singularistas são redutoras. Pensamento, intuição e conhecimento só sobrevivem com crítica. Os iluministas partiram de um momento crítico e produziram crítica.

8 - Com Bacon (a empiria), Descartes (a dúvida) e Spinoza (a afecção), descobertas sobre a teoria da subjetividade se somaram ao que Platão (a ideia), Aristóteles (a categoria) e Scotus (a inteligibilidade) já haviam fixado sobre a dinâmica e estrutura do conhecimento. Com Durkheim (a instituição), Marx (a materialidade), Freud (o inconsciente) e Weber (a racionalização), o arcabouço das ciências da cultura na era da sua subjetivação se completa. O próprio conceito de cultura (prática simbólica) é produzido nesse processo que se completa com a autonomização das ciências humanas. O pensamento da cultura prossegue seu caminho de produção das suas ferramentas. Em todas as disciplinas a discussão sobre estrutura e desenvolvimento se produz. A ciência critica seus princípios, procedimentos e conexões. O problema da razão (sua relação com a vida) ainda hoje coordena todos esses esforços. Só a razão pode investigar interesses de conhecimento e legitimá-los a partir de cada perspectiva, obstáculo e situação. Ilustração é mais que perícia, é abertura e crítica. Como no discurso da arte, com relação à beleza e gosto, o importante era o estado mental que evitasse a autoridade e estimulasse o debate. O objetivo era o aperfeiçoamento das opiniões pela ampliação do que deve ser considerado. O Iluminismo não é só um movimento intelectual, é também o processo de afirmação da modernidade. Modernidade é, nesse sentido, uma postura diante do mundo. O único estado que se quer é o do aprendido. O Iluminismo não acredita que seres humanos aprendam sem razão. Não há sentido último. Há procedimento necessário. O procedimento é experimento e formalização. Entre os séculos XVI e XVIII, o pensamento científico resolveu pragmaticamente o problema dos universais: conceito é construto, tipo, modelo. Em termos da discussão religiosa (central ainda devido as guerras religiosas) os extremos são o monismo espinosista e o dualismo jesuítico. Entre eles, jansenistas, calvinistas e arminianos. Foi um período de inadequação categorial, construção conceitual e mapeamento de novos conteúdos. Os textos dos iluministas aqui são documentos indiretos da visão de mundo de cada um e da época na qual viveram. Tais textos são documentos das práticas, representações, costumes e interesses. Hábitos mentais e experimentos retóricos são as pistas para o historiador das ideias. E a mentalidade é a ponta fina da história social. A força de uma metáfora nova indica falta de homogeneidade e sincronia dos movimentos de transição.

9 - O resultado é sempre diferente da intenção. Não basta falar de ser, intérprete, código, texto ou performance: só o que temos são relações (como remissão) e problemas. Relativismo cultural não equivale a relativismo epistemológico. O fato de sujeito, verdade e conhecimento serem pragmaticamente constituídos não anula necessidade, particularidade, singularidade e existência de todos eles. O material das ciências humanas provém da vida comum, dos signos e práticas que mediam nossa relação com o mundo. Mudança nas épocas da vida social, continuidade de padrões e noções de classificação do mundo constituem o material de um saber adquirido pela comparação de estruturas de tempo-espço e categorias do entendimento. Sem razão tal atividade não é possível. Há um limite antropológico. Muito do que se gastou no debate entre objetividade e discursividade poderia ter sido economizado se tal argumento fosse aceito. Diferença e desenvolvimento seriam assumidos como conquista do moderno e antes, da razão. Na magia, na religião e na ciência ela estava em ação: há vários tipos de razão. Para Kant, razão é a faculdade cognitiva das combinações: ativa, parceira do entendimento e sócia da intuição, de quem recebe as representações. A razão conecta juízos, infere, unifica sob princípios e especifica fins. A razão pode e deve conhecer. A razão pode investigar sua concorrente a intuição.

Lessing descobriu o poder do tempo na poesia e como ela apresenta ações. A pintura é regida pelo espaço e nela o que aparece são os corpos. A imaginação depende do possível (e de como ele é exposto). O “objeto”, o real é menor para a percepção. Imitação é tanto distanciamento quanto criação: decisivo é o procedimento. O Iluminismo ensina: procedamos com razão, o engano está por perto. Hume só vê relações. Fatos e ideias distinguem-se como objetos da razão porque os primeiros dependem da experiência. Ideias dependem apenas das operações do pensamento. Essa diferença instala a centralidade da ciência. É a experiência que possibilita o estabelecimento de relações causais, evidentes e regulares. A Idade Moderna descobriu a independência da razão descobrindo a necessidade da experiência. As Ciências Humanas nascem da crítica da razão e do tratamento da experiência.

10 - Uma cultura sociológica e uma cultura racionalista se contrapõem no Ocidente. Conclusões lógicas, princípios universais, empiria controlada enfrentam a tese de que crenças, opiniões e regras dependem de tempo, lugar e arranjos convencionais. Verdades de fato não tem a mesma lógica das verdades a priori. O reino da razão, como caminho da felicidade e virtude, enfrenta o ceticismo e ganha modernidade (o seu reino). No homem, a razão é natural. O direito natural é o dogma central do Iluminismo. Uma ação humana deve ser regrada pela razão. O Historicismo reagiu afirmando o símbolo e a visão de mundo (a intuição) como razão situada, relativa. Às ciências da cultura coube o estudo dos contextos. O problema dos ganhos da espécie permaneceu como filosofia da história. Uma concepção do sentido (significado e direção) da presença humana na terra passou por crítica. Racional passou não só a tentativa de ordenação dos problemas e escolha das perspectivas: racional é demarcar a diferença dos tempos. A vida histórica é um processo sem ordem interna, sem início e fim conhecidos, mas ela nasce com o moderno. É um meio em movimento: sem sentido, pura complexidade. Mas não é caótica; a história nasce como reflexão da humanidade. A história é meta-histórica. Todos os iluministas alimentaram o interesse pelo passado e pela diversidade cultural. Administrar as demandas do dia, reconhecer o gênio que presidirá uma existência, pensar experiência de produção e perda de sentido ou tratar patologias entram na lista do que pode tentar a razão. Ao afirmar a razão, o Iluminismo deixou aberto o caminho do conhecimento por causas, por intenção e por narração. O Iluminismo abriu a razão. Ele não instituiu apenas o cálculo nos sistemas, ele apresentou a possibilidade do cálculo dos sistemas. O que faremos com isso é outro problema.

11 - As ciências da cultura são um produto paradoxal e bom exemplo de uma conquista sem valor predeterminado. Os pressupostos de sua existência são um conceito de ciência alargado e um conceito de cultura constituído. Mais que isso, a humanidade possui um lugar de fronteira com relação à natureza: físico-químico-biologicamente pertence a ela, mas possui também uma ordem latente, uma forma que lhe assegura um território do real, um império dos sentidos, dos valores e dos signos. Além do naturalismo, a cultura exige outra compreensão da regra. A tarefa do Iluminismo hoje é a sua redescoberta. Enfrentar o fundamentalismo é falar da tradição moderna (consistência interna, argumentação lógica, controle empírico e o preço que ainda é pago na implantação desse programa de autonomia e escolha). Diante do Iluminismo ignorado deve-se reapresentar as razões do Iluminismo. Realizar o que ainda não foi compreendido do projeto de ascender às ideias e legitimar o tipo de conhecimento que quer reunir e calcular. Sobretudo, trata-se de apresentar uma moderna tradição: a) há tipos de razão; b) moderno e tradicional devem dialogar; c) conhecimento necessita tanto de razão como de crença; d) um saber da escolha (ação concreta) é tão válido quanto um saber das razões; e) as humanidades são incontestáveis porque são contrapeso, versatilidade, crítica e prazer; f) História Social e História das Ideias se completam; g) virada material e virada icônica mostram a fragilidade do conhecimento; h) o saber da fronteira ensina que saber se faz no entrelugar das estruturas e nos extremos das sociedades; i) não há saber sem história. Qualquer objeto necessita de uma avaliação de como já foi anteriormente tratado. A Idade Moderna é um momento de balanço do entendimento, do julgamento e da humanidade.

12 - O problema da nossa época (a modernidade) é o da razão na história. Procura-se ou critica-se os signos do progresso. Interroga-se sobre acontecimentos que provam a causa da razão ou a disposição moral da humanidade para a liberdade e a paz. Trata-se de encontrar entusiasmo por algo que provaria uma teleologia imanente, um fim para a presença humana na terra ou a insensatez dessa busca. Sabemos que ela se conecta tanto com uma investigação filosófica geral como com um esforço específico, de caráter procedural, de fundamentação das ciências humanas. São os problemas do objeto essencialmente instável que é o ser humano. Pode-se abordar esse problema por procedimentos que vão de uma analítica da existência passam pela relação desse ser com o cosmos e vão até uma arte da representação que explora os limites da expressão. De qualquer forma o que está em jogo é sempre a qualificação do próprio sujeito que encaminha essa tarefa. A Antropologia filosófica quer estruturar e codificar os determinantes desses sujeitos que se colocam como objetos. Minha tese é a de que o Iluminismo produziu uma antropologia histórica. Ele limitou os conceitos e procedimentos de um tipo de conhecimento que marca até hoje a tarefa das ciências humanas. Uma teoria da interpretação é o principal resultado desse esforço. Precisar problemas, objetos, hipóteses, materiais, conceitos, procedimentos e estratégias reflexivamente permite criar para cada caso de investigação parâmetros aceitáveis de controle e significação. Há prioridades conjunturalmente impostas na relação da pauta dos problemas (ecologia, identidade, razão, sensibilidade, consciência, linguagem, ontologia, epistemologia etc). O trabalho reflexivo das ciências da cultura não para.

13 - No que diz respeito à história, o inventário das diferenças, a comparação dos tipos de memória e a reflexão sobre a historiografia através de uma teoria da história tem contribuído para essa tarefa: adensando as referências teórico-metodológicas e avançando na apreciação comparativa dos resultados. Não é uma questão de otimismo ou pessimismo, é uma questão de sentido (ou falta dele), como em tudo que é humano. Tudo o que se fez, faz e pode ser feito não depende só de uma resposta pronta. O Iluminismo é contraposição (argumento mais que autoridade) e força de contrapeso (intelecção individual contra poderes coletivos). A relação entre mito e razão deve ser perenemente revisitada para que tais objetivos sejam preservados. A identidade é a arma contra o labirinto mítico. O humano pode renovar a sua identidade (assumindo o seu caráter processual) e derrotar o ataque renovado do mito (fixações identitárias). A astúcia da razão é a capacidade de deslindar essa relação que é também de cumplicidade. O conhecimento é frágil e não sobrevive sem reflexão. A reconstrução da diversidade, riqueza, perigo e poder transformador do Iluminismo é ainda a tarefa de nosso tempo.

14 - Cassirer afirma que o programa de conciliação do positivo e do racional é o que dá unidade para o Iluminismo. O modelo é a Física. A razão está nos fenômenos e é isso que precisa ser demonstrado a posteriori. Não se parte de princípios, mas de fatos e da crescente clareza no conhecimento das suas relações. Verdade é adequação. O método é indutivo e analítico: vale conhecer condições de dependência. Compreensão é desconstrução e recomposição. Conhecimento é exatidão matemática, sutileza descritiva e entrecruzamento de planos de determinação. A visão de um sistema em ação. Muito já se disse sobre o olhar de Voltaire e sobre o conhecimento do obscuro (a ciência das sensações) em Baumgarten. Tanto fenômenos físicos como afetos podem ser conhecidos com ajuda de controles lógicos e empíricos. Fato ou sensação, acontecimento ou maravilha podem ser compreendidos. Os clássicos da história do Iluminismo (Peter Gay, Ira Wade, Peter Reill, Robert Darnton, Jean Starobinski, Jonathan Israel) criaram leituras da formação e diferenciação dos elementos constituintes da modernidade. Revolução, pluralismo, vitalismo, mecanicismo, intelectualismo, individualismo, positivismo, liberalismo, radicalismo, evolucionismo, cidadania, republicanismo, cientificismo, ambivalência, racionalismo são peças de um jogo que ainda jogamos.

15 - Uma ciência das ideias (conceitos puros da razão) é possível. Um saber do que está aquém da evidência também o é. A intuição foi reabilitada, sem ela não há conceitos empiricamente verificáveis. A intuição permite a relação entre conceito e entendimento: a) número, ser no tempo ou realidade como qualidade; b) não-ser no tempo ou negação; c) tempo preenchido como extensão; d) vazio como limitação. A metáfora (modelo em ação) é uso da razão ou princípio. A metáfora não nasce da determinação teórica do objeto, nasce da determinação prática da ideia do objeto com relação ao sujeito e a fins. O conhecimento da metáfora e da sensibilidade é conhecimento iluminista. Uma metáfora não pode ser substituída nem corrigida. A emenda piora o soneto, mas isso é também conhecimento retórico. A poética é mais filosofia da sensibilidade do que saber do poema. O caráter simbólico, substitutivo e remissivo da ação simbólica fica enfatizado. Diderot pensou o gosto como relação tensa e criativa entre corpos, modelos e sensibilidades. Voltaire defendia a livre expressão das diferenças de opinião e a manutenção das liberdades civis como forma de superação de

obscurantismo e privilégios. Newton já havia descoberto o ser da relação na teoria da gravitação. Pascal e Espinoza chamaram para a tensão interna nos sujeitos e entre eles. Goethe havia descoberto as afinidades eletivas que superam os contratos e os costumes. Kant afirmou o poder de construção categorial sem abrir mão do mandato moral como princípio da socialidade. Locke descobriu uma lógica estrutural, mas arbitrária entre gêneros, espécies e substâncias da linguagem. A relação dos códigos com o tempo e dos elementos de um sistema com a transferência de valor deles mesmos é o cerne do raciocínio sistemático que permite a razão e o cálculo.

16 - O interesse da razão é reflexivo. O incondicionado não é acessível por um conhecimento delimitado pela sua estrutura e parâmetros. Trata-se de autoconhecimento e não de deixar-se enganar pelo que se pode afirmar sobre um definitivo conhecimento do mundo. Tão importante quanto livrar-se de uma incapacidade de autonomia é esclarecer as capacidades e conceitos que tornam o auto distanciamento crítico possível. Há em Kant uma aposta nesse duplo sentido de libertação. Por outro lado, há uma tradição na história das ideias que enfatiza a relação entre significados e contextos, mas enfatiza uma identidade atemporal que permite o reconhecimento no presente de signos do passado. É essa característica que permite uma abertura crescente sobre tudo. Ideias e realidades são estranhas umas às outras, entretanto o ambiente da liberdade acadêmica permite e impõe o debate e pressupõe uma evolução de da capacidade humana de representação. A ciência e a filosofia dependem de rigor e ousadia. Dependem, sobretudo de uma reflexão sobre a verdade. É ela que é visada pela razão. É ela que mede conhecimento. Se reduzida à estratégia a verdade perde sua relação com a realidade e com a vida. Investigar imposições e enganos não implica diminuir a realidade a discurso. Peter Gay interpretou a complexidade, o método e o objetivo do Iluminismo. Como ciência da liberdade ele sobrevive. Numa época de reação obscurantista, autocrática e arbitrária. A história das ideias, aliada à história social deve entrar na luta.

17 - O cerne do Iluminismo é o conceito de humano. É humano o uso da razão. Não é a teoria do conhecimento, mas a teoria da racionalização o que dá unidade ao Iluminismo como filosofia da modernidade. Em Locke (ensaio acerca do entendimento) encontramos a chave: sagacidade e ilação como qualidade humana de conhecer: descobrir mediações e conexões. É a capacidade de conhecer nesses termos que distingue os seres humanos dos outros animais. A verdade é fruto da descoberta das mediações e da aplicação dessas às conexões necessárias ou prováveis. É esse processo que permite tanto o desenvolvimento do conhecimento quanto o assentimento às opiniões. Aceitar que o problema do Iluminismo é o conceito de humano transforma a história da filosofia. Não é uma ideia do conhecimento, não é uma ideia do ser, do ente, da linguagem, da natureza, do bem, da beleza. O objeto é a qualidade do humano. Em Platão o importante são os habitantes da caverna; em Agostinho são aqueles que querem louvar o criador; em S. Tomás é aquele que quer conhecer; em Montaigne é o próprio autor da matéria do livro. O homem não é uma invenção recente da filosofia, mas a preocupação que a torna possível e que a conduz. O século XVIII é apenas o momento de afirmação de uma tendência há muito inscrita na cultura ocidental. Ela é paradoxal: levou à Declaração Universal dos Direitos Humanos, ao Holocausto e à crise climática. Se a reflexividade racional e a

ciência aplicada nos possibilitarão tratar desenvolvimentos deficientes ou diferenças sobre ou subestimadas é a questão do nosso tempo.

18 - Aristóteles, Descartes, Voltaire e Kant apostaram no homem que argumenta, duvida, pensa e julga. Locke, Dewey, Marx e Wittgenstein pensaram o sujeito da prática. Heidegger, Nietzsche, Durkheim, Weber, Freud e Foucault pensaram os regimes de existência do ser humano. Todas as histórias das ideias, inclusive das ideias não-ocidentais, devem ser entendidas como investigações sobre o humano. O Iluminismo é só o momento decisivo, em que o humano terá que se adequar ao moderno (moderno é o tempo que não separa desenvolvimento e diferença), um produto da sua presença no planeta e interrogação do sentido dela. A invenção do humano é tão antiga como o homem. O objetivo da razão é vida e alegria. O Iluminismo afirmou a diferença encontrando as bases da sobrevivência do Estado em uma situação de conflito de interesses. Afirmou também o desenvolvimento quando com a tarefa da filosofia social se tornou também aquela que abriga o desenvolvimento da esfera civil de autonomia privada. Tanto a diversidade dos costumes quanto o progresso do conhecimento estavam presentes nas histórias da filosofia dos séculos XVII e XVIII (Bayle, Deslandes, Voltaire). Uma reflexão sobre a relação entre o conhecimento da sociedade e das ideias é uma constante do pensamento quando referido ao tempo. Se não esquecemos os agentes dessa reflexão e os lugares onde ela acontece temos os elementos que possibilitam entender a razão como o pensamento permanente e transformador do humano. Humano então passa a ser tanto o lugar da razão como da sua mudança.

19 - Os extremos são claros: por um lado, racionalismo a priori seguindo princípios lógicos desenvolvidos matematicamente e, por outro, racionalismo empirista construído a partir de observação e ensaio. Entre metafísica e experiência há variações, mas a descoberta do papel da perspectiva, da personalidade, da consciência de si impõe um terceiro termo. Diderot e Malebranche descobriram que o ego pode mudar. Uma teoria da relação das ideias com as coisas, entre atenção e mundo. Diferenças nas personalidades, nas memórias e nos poderes imaginativos produzem diferentes tipos de associação. Estupidez ou loucura ameaçam a associação de ideias. O que se impõe é a força que une pensamento e ação. Como o *conatus* de Spinoza ou a *vis viva* de Leibniz é também importante na vida auto-organização e forma. Evolução, degeneração, transformação em Malpertuis e Buffon criam as bases da história natural. O Aristóteles da geração espontânea foi superado. A filosofia do século XVIII teve que lidar com ética, estética, ontologia e epistemologia. Entretanto, foi a luta contra a intolerância religiosa e o absolutismo monárquico que demandou a maior parte das energias do pensamento que orienta a vida política moderna.

20 - Para ficarmos no pensamento do século XVIII, aqui seria bom seguir Diderot. Há dois níveis do real: um causalmente estabelecido e um outro completamente casual. O bom e velho dualismo da ordem e do acaso. A continuidade da “cadeia do ser” (o mundo como completude, continuidade e racionalidade) deu unidade à cultura ocidental separando ideal e sensível. Mesmo com Spinoza, Leibniz e o vitalismo a tensão entre afinidade e diferença persistem no *conatus*, na mônada e na vida. Na teologia mesmo com as opções da saída tridentina das três figuras da divindade, da dupla determinação calvinista e da predestinação condicional arminiana persiste a tensão entre teodiceias que se

distinguem na separação que estabelecem entre “esta” e “outra” mundanidade. O que temos é um tesouro de “verdades” sobre uma tensão. As reflexões sobre um terceiro fator presente na arte (a mediação entre razão pura e razão prática que a razão da percepção encaminha em Kant), na dialética hegeliana ou na própria linguagem apenas confirmam esse padrão.

21 - Nem empirismo, racionalismo ou criticismo alteraram o modelo. Não há sujeitos e substâncias puras representáveis no conhecimento: há associações, construções e percepções constituídas pelo sujeito no ato do experimento, raciocínio ou julgamento. A diferença não precisa da lei, ela apenas acontece. A representação não capta relações, apenas as performa. A experiência é fragmentária, não essencial. O critério da generalidade é o comum: o que importa é a causa situada. A lei é a forma vazia da diferença só se não a incorpora. A forma invariável da variação já compara, mais que isso, já modela. Experimentação é o contato com o conjunto do que aparece. O conjunto está aberto. O que interessa é tanto saber o que ainda não está dado como o que já está dado. Trata-se de investigar uma fronteira: aquela que liga e separa sujeito e dado, mas que também a constitui. Nenhuma percepção preexiste ao sujeito. Nenhum sujeito pode ser dono completo da sua percepção. Há sempre o outro, sua condição e controle.

22 - O que mudou com a modernidade foi a subjetividade. Sujeito é movimento: se ultrapassa e se reflete, crê (presume poderes secretos) e inventa (poderes e totalidades). O estatuto da experiência não provém da relação entre ideia e impressão, provém da relação entre separação e diferença. É o sujeito que se desenvolve e se reflete crendo e inventando. A subjetividade moderna também (não enfim) se baseia na razão. A ciência da irrazão é uma prova da universalidade, particularidade e singularidade da razão. Ela não é só evolução ou origem. Razão é uma faculdade do pensamento (investigação e compreensão de princípios, relações e coisas por via da comparação com um modelo) e uma atitude (análise, dedução lógica, indução empírica e interpretação como ferramentas do conhecimento da ordem da natureza e da mente), mas é sobretudo a partilha de sentido que constitui os ajuntamentos humanos. Os objetos da filosofia (no mínimo ser, sujeito, linguagem) se transformam e se multiplicam, mas a tensão entre pensamento e mundo continuará onde haja cultura.

MUDANÇA, PERMANÊNCIA E RAZÃO
 Ensaio recebido em 02/10/23 • Aceito em 29/11/23
 Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado